



CEREST- MS

Outubro/2017

**Centro Estadual de Referência em Saúde
do Trabalhador**

BOLETIM INFORMATIVO

MULHER: TRABALHO / SAÚDE

Segundo a Organização Mundial da Saúde o setor saúde tem gastos anuais de quase US \$ 6 trilhões, representa um motor de enorme oportunidade econômica, particularmente para as mulheres, que detêm 70% de todos os empregos de saúde (who,2017).

Foi-se mesmo o tempo em que o lugar de mulher era cuidando da casa. Hoje, elas dão ordens, dominam as universidades e são maioria no mercado de trabalho. Dados do Censo Demográfico 2010, divulgados no fim do ano passado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), mostram que a frequência no ensino superior já é majoritariamente feminina e, claro, isso acaba se refletindo no mercado de trabalho. Algumas profissões, inclusive, são dominadas quase que 100% por mulheres.

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) (IBGE, 2013), as mulheres brasileiras vão mais ao médico do que os homens. Os dados levantados no último trimestre de 2013, revela que 71,2% dos entrevistados haviam se consultado pelo menos uma vez nos 12 meses anteriores à entrevista. Entre as mulheres, o índice foi de 78%, contra 63,9% dos homens. Elas também são mais aplicadas nos cuidados com os dentes: 47,3% das brasileiras disseram terem ido ao dentista uma vez nos 12 meses anteriores, ante 41,3% dos homens. A diferença também aparece na questão da higiene bucal: 91,5% do público feminino pesquisado respondeu que escova os dentes duas vezes ao dia, ao passo que a taxa foi de 86,5% no masculino.

Profissões Predominante Femininas:

ASISTENTES SOCIAIS

FISIOTERAPEUTAS

ENFERMEIRAS

PSICOLOGAS

PEDAGOGAS

FONOAUDIOLOGAS



As profissões citadas abaixo são em sua maioria ocupadas por mulheres e seu exercício pode causar um efeito depressivo nos profissionais (Health Magazine, 2016) :

Enfermeiro particular - Trabalhos que envolvem cuidados particulares, na casa do paciente (*home care*), geram depressão em quase 11% dos profissionais.

Garçom/garçonete - Em segundo lugar do ranking, aparecem esses profissionais que trabalham diretamente com o atendimento aos clientes. Nesta área, 10% relataram um episódio de depressão no último ano. Entre as mulheres, este número sobe para 15%.

Assistentes sociais - Lidar com crianças vítimas de abuso ou famílias em dificuldades ou à beira de um colapso são motivos suficientes para uma crise depressiva, aponta a publicação. Sem falar nos processos longos e burocráticos que estes profissionais têm que enfrentar.

Profissionais de saúde - A categoria inclui médicos, enfermeiros, terapeutas e outras profissões da área de saúde. Estes profissionais geralmente lidam com horários irregulares e enfrentam, diariamente, o dilema de lidar com a vida humana. Neste caso, o estresse pode gerar problemas mais graves de saúde relacionados à depressão.

Artistas e escritores - É fácil encontrar entre pessoas criativas uma alta taxa de indivíduos com transtornos de humor. Esta é a categoria com maior probabilidade de episódios de depressão entre os homens, com cerca de 7%.

Professores - A cobrança que recai sobre esses profissionais fazem com que eles levem trabalho para casa e até se envolvam em problemas pessoais de seus alunos, que podem ser crianças carentes e exigem maior atenção. O professor tem um importante papel na formação das pessoas, o que pode gerar um efeito negativo se não for muito bem trabalhado.

Profissionais administrativos - Pessoas que trabalham nesta área enfrentam o problema de alta demanda e cobranças. Estão na linha de frente, acabam recebendo ordens de todos os lados. Profissionais de suporte administrativo podem ter dias imprevisíveis e, muitas vezes, não têm seu trabalho reconhecido.

Vendedores - Muitos desses profissionais trabalham por comissão: nunca sabem quanto vão receber no próximo pagamento. Realizam a função geralmente individualmente, não há um trabalho em equipe, o que pode gerar um sentimento de solidão e, até mesmo, de rivalidade. Trabalhos nos fins de semana e salários baixos baixo acabam facilitando o surgimento de episódios de depressão.

Nas profissões citadas a grande maioria dos trabalhadores são mulheres. Será que a mulher ao entrar no mercado de trabalho percebe que tem de arcar com tantos fatores adversos e romper com uma estrutura social demarcada a milênios? A coragem de enfrentar esse desafio pode ocasionar danos a sua saúde física e mental e nas relações da família, uma vez que esse desafio levam as mesmas a lidar com uma jornada tripla já que tradicionalmente o cuidado de casa e dos filhos é de sua responsabilidade.

No entanto, não podemos deixar de mencionar o valor de uma mulher no mercado de trabalho pois tem reflexos na seleção dos melhores talentos. As mulheres constituem 57% dos universitários e são a maioria entre os detentores de ensino superior (12,5% das mulheres completaram a graduação contra 9,9% dos homens), perdemos talentos quando elas se veem menos valorizadas no mercado de trabalho.

No Brasil, 40% dos lares são chefiados por mulheres (IBGE, 2015). Assim, para quase metade das famílias, simplesmente não há como conceber o “valor de uma mãe dona de casa”.

As mulheres recebem cerca de 70% do salário do homem para fazer o mesmo trabalho, tendo a mesma formação(IBGE,2015), a mulher sofre outras penalidades apenas por ser mulher.

Segundo estudo do Conselho de Previdência Social entre 2004 e 2013, enquanto os vínculos empregatícios tiveram um crescimento de 79% entre as mulheres, a concessão de auxílio-doença acidentário cresceu 172% entre as trabalhadoras. Entre os homens, o emprego assalariado cresceu 53% – durante o mesmo período – enquanto a concessão do auxílio-doença acidentário cresceu pouco mais de 60%. (CNPS, 2015).

De acordo com Marcos Perez, diretor do Departamento de Saúde e Segurança Ocupacional do Ministério da Previdência Social, um dos fatores que justificam o número crescente na concessão de benefícios acidentários é a Lei 11.430, de 2006, que aplica critérios objetivos para relacionar o adoecimento com o trabalho.



Pérez acrescenta outros dois motivos que explicam o aumento das concessões: “A população brasileira está envelhecendo e o trabalho, interagindo com o envelhecimento, acaba agravando a saúde do trabalhador. Além disso, observa-se uma inadequação dos locais de trabalho para as mulheres”.

O estudo aponta que os homens apresentam maior vulnerabilidade para causas traumáticas, enquanto as mulheres se afastam mais em decorrência de doenças relacionadas às condições ergonômicas. Ficando evidente que entre as principais causas de afastamentos, há diferença entre os gêneros.

“Os números desse estudo indicam que as políticas de prevenção de acidentes devem focar a diferença entre os gêneros e, além disso, mostram a necessidade de uma melhor adequação do ambiente de trabalho levando em consideração a maior vulnerabilidade da mulher”, enfatizou Marco Pérez.

Para o sociólogo Orson Carmargo, a análise da situação da presença feminina no mundo do trabalho passa por uma revisão das funções sociais da mulher, pela crítica ao entendimento convencional do que seja o trabalho e as formas de mensuração deste, que são efetivadas no mercado.



REFORMA **GRAVIDEZ** TRABALHISTA

COMO ERA:

Mulheres **grávidas ou lactantes** estão proibidas de trabalhar em lugares com condições **insalubres**. Não há limite de tempo para avisar a empresa sobre a gravidez

COMO FICOU:

É permitido o trabalho de mulheres grávidas em ambientes de baixa ou média insalubridade, exceto se apresentarem atestado médico que recomende o afastamento. Mulheres demitidas têm até 30 dias para informar a empresa sobre a gravidez

*Reforma passa a valer em novembro de 2017



Centro Estadual de Referência em Saúde do Trabalhador

Rua Joel Dibo, Centro, 79.002-060 - Campo Grande/MS

Contato: cvist@saude.ms.gov.br / (67) 3312-1100

Responsáveis pela edição do boletim: FRANCISCO JOSÉ MENDES DOS REIS

